

A língua e a cultura: uma abordagem sobre o português guineense

Vaz Pinto Có*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-9943-8912>

Resumo: (português): A Guiné-Bissau é um país que sua variedade do português é posta em dúvida, ou melhor, o modo do uso da língua portuguesa dos guineenses é atrelado comumente a de Portugal, como se a sociedade e cultura guineense fossem reproduções da sociedade e da cultura portuguesa. Neste sentido, o presente ensaio visa refletir sobre a indissociabilidade entre a língua e a cultura, no nível lexical do português da Guiné-Bissau, a partir das obras literárias dos escritores desse país, visando compreender a configuração da língua portuguesa no contexto guineense. O trabalho foi ancorado no Círculo de Bakhtin (BAKHTIN, 2003, 2016, VOLOCHINOV, 2018), compreendendo a língua como prática social. Adotou-se o método bibliográfico e abordagem qualitativa. *Corpus* foi constituído por três (3) obras literárias: o romance *A última tragédia* (SILA, 2006), o livro de poesia *No fundo do canto* (SEMEDO, 2010) e a obra de contos *Cantar do galo* (BANORI, 2017). Por meio da leitura dessas obras, foram retiradas algumas palavras que refletem as especificidades do português guineense. Em seguida, considerando o contexto em que foram utilizadas, discuto como elas se apontam a significação por além da dimensão linguística. Confirma-se a relação constitutiva entre a língua, a sociedade e a cultura. E o português guineense está sendo constituído em interação com a língua Bissau-guineense e as práticas culturais locais.

Palavras-chave: Português guineense; Círculo de Bakhtin; Língua como interação; Prática social.

Resumu (Bissau-guineense): Guiné-Bissau i um país ki si português ka ta considerado, maneira di usa português di guineense i ta ligado sempre ki português di Portugal, suma si sociedade di Guiné-Bissau ki si cultura sedu nam kopia di sociedade i di cultura di Portugal. Pa kila, es tarbadju tene suma obidjetibu di pensa maneira ki língua ka pudi sedu separadu ku cultura, na dimensão di palavras di português di Guiné-Bissau, nde ki i usadu librus di literatura escribidus pa escritor di es país, na sentido di ntindi kuma ki português configura na realidade di Guiné-Bissau. Tarbadju i apoiadu na Circulo di Bakhtin (BAKHTIN, 2003, 2016, VOLOCHINOV, 2018), língua i tomadu suma prática social. Pa fasi es tarbadju i tomadu método bibliográfico i abordagem qualitativa. *Corpus* i formadu pa es tris (3) librus di literatura: romansi *A última tragédia* (SILA, 2006), libru di poesia *No fundo do canto* (SEMEDO, 2010) e libru di kontus *Cantar do galo* (BANORI, 2017). Nlei es librus i ntira palavras ki ta mostra particularidade di português di Guiné-Bissau. Dipus i djubidu kontextu ki es palavras usadu nel, ndiskuti kuma ki se sintudu ultrapasa nível di língua. I notadu kuma língua sta ligado diretu ku sociedade i ku cultura. Tambi português di Guiné-Bissau i sta na sedu formadu na basi di relason ki i sta na tene ku língua Bissau-guineense i ku culturas di país.

Palabras-tchabi: Português guineense; Circulo di Bakhtin; Língua suma interason; Prática social.

La langue et la culture : une approche sur le portugais guinéen

Résumé (français): La Guinée-Bissau est un pays dont la variété du portugais est remise en cause, ou plutôt, la façon dont les Guinéens utilisent la langue portugaise est communément liée à celle du Portugal, comme si la société et la culture guinéennes étaient des reproductions de la société et de la culture portugaise. En ce sens, le présent essai vise à réfléchir sur l'inséparabilité

* Doutorando em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Linguística Aplicada- 2021, Programa de Pós- Graduação em Linguística Aplicada (UECE). Licenciado em Letras Língua Portuguesa-2018, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). E-mail: vazcopinto@gmail.com

entre langue et culture, au niveau lexical du portugais de Guinée-Bissau, des œuvres littéraires d'écrivains de ce pays, visant à comprendre la configuration de la langue portugaise dans le contexte guinéen. Le travail était ancré dans le cercle de Bakhtine (BAKHTIN, 2003, 2016, VOLOCHINOV, 2018), comprenant le langage comme une pratique sociale. La méthode bibliographique et l'approche qualitative ont été adoptées. Corpus composé de trois (3) œuvres littéraires : le roman *A Última Tragédia* (SILA, 2006), le livre de poésie *No Fundo do Canto* (SEMEDO, 2010) et la nouvelle *Cantar do Galo* (BANORI, 2017). A travers la lecture de ces ouvrages, certains mots reflétant les spécificités du portugais guinéen ont été retirés. Puis, considérant le contexte dans lequel ils ont été utilisés, je discute de la manière dont ils pointent vers un sens au-delà de la dimension linguistique. Une relation constitutive entre langue, société et culture était perçue. Et le portugais guinéen se constitue en interaction avec la langue bissau-guinéenne et les pratiques culturelles locales.

Mots-clés: Portugais guinéen; Cercle Bakhtine; Le langage comme interaction; Pratique sociale.

Considerações iniciais

Este ensaio visa refletir sobre a indissociabilidade entre a língua e a cultura, no nível lexical do português da Guiné-Bissau, a partir das obras literárias dos escritores guineenses, visando compreender a configuração da língua portuguesa nesse país. A pesquisa é de cunho bibliográfica, a análise foi ancorada na abordagem qualitativa. A Guiné-Bissau é um país que sua variedade do português é posta em dúvida, o modo do uso da língua portuguesa dos guineenses é atrelado comumente a de Portugal, como se a sociedade e cultura guineense fossem reproduções da sociedade e da cultura portuguesa.

Essa questão está relacionada com a confusão entre a gramática normativa e a língua, ou melhor, a gramática é compreendida como se fosse sinônimo da língua, assim, ignorando a perspectiva da língua como prática social situada. Logo que a Guiné-Bissau se tornou independente unilateralmente de Portugal, em 24 de setembro de 1973, o português adquiriu a função da língua oficial, a língua que deve ser usada na administração pública, nos documentos oficiais, também, porquanto goza do privilégio de ser a única língua do ensino guineense.

Como português pode gozar do estatuto da oficialidade na Guiné-Bissau desde a década de 70 do século XX e não existir uma variedade guineense? Esta questão não é de pesquisa, neste trabalho não se pretende comprovar a existência do português guineense, porque compreendendo a língua como prática social e o português sendo língua oficial da Guiné-Bissau, parte-se a priori que existe a variedade guineense, as particularidades dessa variedade podem até não serem conhecidas devido à falta dos estudos. No entanto, isso não significa que o português não se constitui de uma forma específica no contexto da diversidade linguística e cultural da Guiné-Bissau.

Este trabalho está organizado em quatro seções, além da introdução na qual apresentou-se objetivo e seu contexto. Na primeira foi feita uma breve contextualização sobre a realidade do português na Guiné-Bissau, na segunda discute-se a perspectiva interativa da língua, na terceira aborda-se a relação entre a língua e a cultura a partir das obras literárias dos escritores guineenses, na quarta constam as considerações finais do trabalho.

2 Uma breve contextualização do português na Guiné-Bissau

A língua portuguesa não goza da mesma realidade na Comunidade dos países da língua oficial portuguesa (CPLP) (COUTO; EMBALO, 2010, OLIVEIRA, 2016). Conforme Oliveira (2016), porquanto no território da CPLP há discrepância entre os dados demográficos e os dados demolinguísticos, ou seja, um número muito significativo dos cidadãos dos países em que o português tem o estatuto de oficialidade não usam essa língua nas suas interações do dia a dia. Entretanto, considerando o processo do crescimento do português no espaço da CPLP, Oliveira (2016) ressalta que há possibilidade de os dados demográficos e os dados demolinguísticos coincidirem daqui a 100 anos na comunidade da CPLP:



(...) os dados demográficos e os dados demolinguísticos tendem a convergir no futuro, isto é, poderemos usar os dados de população com alguma segurança para análise do número de falantes da língua. A urbanização crescente da população, em países como os PALOP, em que o português é muito mais presente no meio urbano que no meio rural, bem como o crescimento rápido do acesso aos meios massivos de comunicação social, entre eles a internet via telefone celular, são outros fatores que deve acelerar o aprendizado da língua oficial, em especial considerando a fraca presença das línguas africanas na internet até o momento (OLIVEIRA, 2016, p. 34).

A ampliação da urbanização é fator importante no processo de crescimento do português, uma vez que, por exemplo, nos países africanos de língua oficial portuguesa, o português está mais presente na zona urbana que na zona rural. Esse fator também está atrelado à escolarização, porque, por exemplo, na Guiné-Bissau, a tendência é que apenas os cidadãos escolarizados sejam falantes da língua portuguesa. Neste sentido, a redução da taxa de analfabetismo da palavra pode contribuir para o aumento dos falantes dessa língua nesse país. A expansão dos meios de comunicação de massa,

principalmente a ampliação da rede de internet, vão contribuir também para acelerar o processo de crescimento do português, sobretudo nos PALOPs¹.

Conforme Couto e Embaló (2010), o português é falado por 13% dos guineenses como segunda língua, até como terceira língua: um guineense pode ser falante do guineense (crioulo) e mais outra língua étnica, e, só mais tarde já na idade escolar ter contato com o português. Para os autores, apenas é falada como primeira língua pelos filhos dos guineenses que residem no Brasil ou em Portugal como imigrantes ou em formação ou por filhos de casais mistos, por exemplo, entre um (a) guineense e um(a) português(a). Já o guineense (crioulo) é falado por 75% a 80% dos guineenses.

Já conforme o Recenseamento Geral da população e Habitação de 2009, 27% dos cidadãos guineenses sabem a língua portuguesa. Esse dado pode estar mais próximo da realidade em relação aos dados apresentados por Couto e Embaló (2010), porque, conforme os dados apurados nesse recenseamento, 49,7% da população guineense é alfabetizada. Nesse caso o português sendo a língua em que os guineenses são alfabetizados, não haverá muita discrepância entre os cidadãos que sabem a língua portuguesa e com a população alfabetizada no país. No meio urbano 46,3% dos guineenses têm conhecimento do português contra 14,7% no meio rural. Já o guineense é falado por 90,4% da população. No meio urbano por 92,4% e 89,8% no meio rural.

Para Couto e Embaló (2010), um estrangeiro na Guiné-Bissau pode precisar apenas de alguns meses para se tornar falante do guineense (crioulo), dado que, nas cidades, principalmente na capital, Bissau, é a língua mais falada. Já em relação ao português provavelmente pode não saber esse idioma, tendo em conta que, não é falado nas comunidades. Neste sentido, para aprendê-lo é necessário ingresso no ensino formal.

No que diz respeito à oralidade, nas ruas, nas discotecas, nos estádios e no pátio das escolas, para Couto e Embaló (2010), o guineense é mais presente que o português. De acordo com minha experiência como estudante do Ensino guineense, o português é usado, habitualmente, nas salas de aulas, na interação entre o docente e os alunos. No entanto, quando um discente interage com outro discente a tendência é recorrer ao guineense em detrimento do português.

Nas sessões parlamentares da Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau, os debates são conduzidos praticamente em guineense, o português só é recorrido para a leitura de um texto escrito. Essa questão também se verifica nos debates eleitorais feitos

¹ Países africanos de língua oficial portuguesa

por candidatos ou de partidos políticos para difundirem os seus projetos às populações (CÓ, 2021).

Nos programas de rádios, tanto na Rádio Estatal da Guiné-Bissau, como nas Rádios privadas do país, Pindjiguiti, Bombolom e Jovem, por exemplo, o guineense conta com maior domínio. Por conta disso, a Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau, em 2007, estipulou quota de 50% entre guineense e português nas programações das Rádios do país (COUTO; EMBALÓ, 2010). No entanto, o guineense ainda domina as programações das rádios do país, desde a Rádio Nacional, Privadas até as Rádios Comunitárias (CÓ, 2021). Na televisão nacional da Guiné-Bissau (TGB), praticamente única emissora televisiva no país, para Couto e Embaló (2010), o português conta com mais domínio. Pelo que observo nas TVs digitais: TV Radio Bantaba² e Obulum³, o guineense é mais presente. No que refere à escrita, o português predomina, ou melhor, a maioria da produção escrita da Guiné-Bissau é feita na língua oficializada. Por exemplo, a maioria da publicação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas da Guiné-Bissau (INEP) é feita em português (COUTO; EMBALO, 2010).

Na imprensa escrita, a língua portuguesa conta com mais presença, o guineense só é recorrido ocasionalmente, por exemplo, quando é publicado algum poema neste idioma (COUTO; EMBALO, 2010). Isso pode ser verificado na página online do Jornal O 'democrata'⁴, ou melhor, a maioria das publicações desse veículo de comunicação é feita em português desde editorial a notícia. Essa situação também ocorre na publicação escrita feita nas páginas das redes sociais das seguintes rádios: Rádio Jovem de Guiné-Bissau⁵, Capital FM⁶ e Sol Mansi⁷. Para Couto e Embaló (2010), o guineense não é idioma da imprensa escrita, dado que, até presente momento não conta com uma norma ortográfica, apesar de ter havido uma proposta feita por Ministério da Educação da Guiné-Bissau, em 1987, no sentido de normatizar sua escrita.

A partir do que foi exposto, percebe-se que, porquanto na Guiné-Bissau, o português não é língua falado no dia a dia. Ainda está restrito ao espaço institucional do ensino, por exemplo, as escolas e as universidades, dando conta da prática linguística que envolve a escrita e a leitura. Essa realidade está na origem do equívoco de negar a existência de

² TV Rádio Bantaba: <https://www.facebook.com/radiobantaba>

³ TV Obulum: <https://www.facebook.com/tvobulum>

⁴ Jornal O 'democrata: <https://www.odemocratagb.com/>. Acesso em 15 abril de 2020.

⁵ Rádio Jovem de Guiné-Bissau: <https://www.facebook.com/radiojovemgb>.

⁶ Rádio Capital FM: <https://www.facebook.com/cfmgbw>

⁷ Rádio Sol Mansi: <https://www.facebook.com/search/top?q=r%C3%A1dio%20sol%20mansi>

variedade do português guineense, como já foi sublinhado, esse equívoco está relacionado com o desconhecimento da língua como prática social e tendo a cultura como um elemento constitutivo, isto é, não existe a língua sem uma cultura.

Na Guiné-Bissau, devido ao estatuto de oficialidade, o português é língua guineense. Desde a independência até o presente momento nosso país já conta com um grande patrimônio cultural nessa língua, por exemplo, na literatura e na música, isso é impossível ser visto em Senegal, o país em que o português não tem estatuto de oficialidade. Como um país pode ter patrimônio cultural em uma língua, mas não tem sua própria variedade naquela língua? Esta questão demonstra que a discussão voltada para a língua portuguesa na Guiné-Bissau precisa ir além da dimensão linguística, a questão social, cultural, histórica e política precisam ser consideradas, porque só assim é possível compreender a configuração dessa língua no contexto guineense.

3 A perspectiva interativa da língua

Neste ensaio, adota-se a perspectiva interativa da língua, nesse caso, a língua não é apenas um instrumento usada para mediar a interação social, pelo contrário, é um elemento constitutivo do sujeito, também ela não se restringe somente a dimensão linguística, porque a prática social e cultural são fundamentais para compreender a configuração de uma língua em um determinado contexto, bem como para uma análise linguística (BAKHTIN, 2003, 2016, VOLOCHINOV, 2018).

Esse entendimento da língua põe em xeque outras duas abordagens linguísticas: o *subjetivismo idealista* ou *individualista* e o *objetivismo abstrato*. O *subjetivismo idealista* define a língua como uma atividade mental e individual. Nessa abordagem o cérebro do falante é basilar para a prática da produção linguística, isto é, o uso linguístico depende da habilidade do falante, pois, a língua é só uma ferramenta que ele usa para transmitir seu pensamento (WEEDWOOD, 2002, VOLOCHINOV, 2018). Diante disso, para Volochinov (2018), o *subjetivismo idealista* é uma abordagem filosófica linguístico que parte do interior para o exterior, já que, nela o enunciado é entendido como monológico, é proferido devido à criatividade do falante, ignorando o papel da sociedade e da cultura no processo da produção e da compreensão linguística. Ainda o enunciado foi configurando nessa abordagem como um fenômeno abstrato que não é orientado socialmente:

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele 3 apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores, polemiza com eles, espera por uma compreens3o ativa e responsiva, antecipando-a etc (VOLOCHINOV, 2018, p. 184).

O enunciado insere-se constantemente em um processo dial3gico, est3 voltado para uma resposta dentro da cadeia da intera3o discursiva, os interlocutores n3o recebem passivamente o sentido do enunciado, porque participam ativamente e responsivamente no processo de compreens3o do enunciado. Por isso, Bakhtin (2016) afirma que o falante n3o 3 Ad3o b3blico, ou seja, ele n3o 3 primeiro sujeito a tomar a palavra, pelo contr3rio, est3 inserido na cadeia de intera3o discursiva.

Por sua vez, o *objetivismo abstrato* tendo Saussure como seu principal nome (BAKHTIN, 2003, VOLOCHINOV, 2018) adota uma perspectiva lingu3stica semelhante do *subjetivismo idealista*, j3 que, a l3ngua 3 reduzida a mero instrumento de comunica3o e o enunciado tamb3m 3 entendido como monol3gico. O interlocutor recebe passivamente a mensagem proferida pelo falante e, conseqüentemente, n3o constr3i ativamente o significado do enunciado a partir do contexto social.

De acordo com Saussure (1972), a l3ngua 3 constitu3da por uma parte social que ele denomina de *langue* (l3ngua) e a parte individual denominada de *parole*. No entendimento do autor, h3 rela3o entre essas duas partes, porque, n3o tem como conceber uma desconsiderando a outra. Entretanto, Saussure (1972) defende que a parte social da l3ngua (*langue*) que precisa ser tomada como objeto de estudo da lingu3stica:

[A l3ngua] trata-se de um tesouro depositado pela pr3tica da fala em todos os indiv3duos pertencentes 3 mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada c3rebro ou, mais exatamente, nos c3rebros dum conjunto de indiv3duos, pois a l3ngua n3o est3 completa em nenhum, e s3 na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, 1972, p. 21).

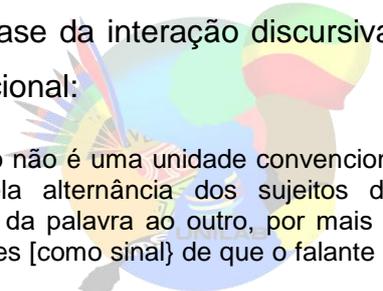
Na perspectiva saussuriana, a l3ngua 3 um sistema abstrato e ps3quico, ou melhor, ela 3 um fen3meno guardado no c3rebro de um indiv3duo ou dos indiv3duos que pertencem 3 mesma comunidade lingu3stica. Esse entendimento da l3ngua n3o leva em considera3o as vari3veis ideol3gicas, hist3ricas, pol3ticas, culturais e sociais estabelecidas nas intera3o discursivas.

Conforme Saussure (1972), a parte social da l3ngua 3 essencial enquanto a parte individual 3 acess3ria e acidental. Desse modo, o interesse de investigar a l3ngua precisa ser voltada para a classifica3o do sistema lingu3stico, isto 3, compreender sua

estruturação e sua sistematização e não no sentido de entender como a língua se configura em cada contexto.

Nessa abordagem, o signo linguístico não foi tomado como um elemento social, é uma propriedade exclusiva do falante. Para Volochinov (2018), o signo linguístico é resultado do processo social, já que, só assim ele pode ser compreendido. O autor ressalta que é impossível existir durante a interação discursiva, o interlocutor abstrato, localizado em um contexto sem se envolver numa relação social. Assim, é impossível as pessoas nascidas na Guiné-Bissau e que vivem no contexto da diversidade linguística e cultural guineense, suas produções linguísticas na língua portuguesa não apontaram os aspectos sociais e culturais locais.

É na base disso que a teoria bakhtiniana toma o enunciado como objeto de estudo da linguagem, dado que, o enunciado é constituído por interlocutores reais, está inserido em um contexto concreto, dialoga com os enunciados anteriores e pode ser retomado mais tarde por enunciados que podem vir a serem produzidos. Bakhtin (2003, 2016) considera o enunciado como base da interação discursiva, pois, ele é a unidade real da língua e não a unidade convencional:



O enunciado não é uma unidade convencional, mas unidade real, delimitada com precisão pela alternância dos sujeitos do discurso e que termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o 'dixi' percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante concluiu sua fala. (BAKHTIN, 2016, p. 29).

O enunciado não é uma unidade abstrata e ficcional da língua, é a unidade concreta que representa o processo da interação discursiva. Também o interlocutor da interação não participa de uma forma passiva na prática da linguagem, porque adota sempre uma posição ativa e responsiva, nem se ele ficasse em silêncio no momento da interação. Por isso, o enunciado como unidade da interação discursiva tem um papel fundamental no processo da interação discursiva e da compreensão da linguagem:

A indefinição terminológica e a confusão em um ponto metodológico central no pensamento linguístico são o resultado do desconhecimento da real unidade da comunicação discursiva- o *enunciado*. Porque o discursivo só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso (BAKHTIN, 2016, p. 28).

O enunciado não é proferido de uma forma isolada sem ancorar em um contexto concreto. Isso demonstra que Bakhtin (2003) coloca a língua na dimensão social e cultural, visto que, apenas a questão linguística seria insuficiente para dar conta da

compreens3o do enunciado, ou seja, n3o se pode desconsiderar a sociedade e a cultura no processo da intera33o discursiva e da an3lise lingu3stica. O enunciado como unidade da intera33o lingu3stica tem uma configura33o social e cultural, em detrimento das unidades lingu3sticas que fazem sentido apenas dentro do sistema lingu3stico:

{...} enunciados que s3o constru3dos com o aux3lio das unidades da l3ngua: palavras, combina33es de palavras, ora33es; demais, o enunciado pode ser constru3do a partir de uma ora33o, de uma palavra, por assim dizer, de uma unidade do discurso (predominantemente de uma r3plica do di3logo), mas isso n3o leva uma unidade da l3ngua a transformar-se em unidade da comunica33o discursiva (BAKHTIN, 2016, p. 33).

Uma palavra, uma ora33o e outras unidades lingu3sticas a priori n3o s3o enunciados, mas podem se tornar os enunciados quando se funcionam como unidade da intera33o discursiva, principalmente se est3o inseridos em um determinado contexto, proferidos por sujeitos reais e d3o possibilidades de serem respondidos por outros sujeitos posteriormente. Por isso, Bakhtin (2016) n3o toma a ora33o, a unidade da l3ngua, como objeto do estudo da linguagem, porque ela n3o tem uma configura33o extraverbal:

A ora33o n3o se correlaciona de forma imediata nem pessoal com o contexto extraverbal da realidade (a situa33o, o ambiente, a pr3-hist3ria) nem com os enunciados de outros falantes, mas t3o somente atrav3s de todo o contexto que a rodeia, isto 3, atrav3s do enunciado em seu conjunto (BAKHTIN, 2016, p. 32).

A ora33o n3o est3 relacionada com o contexto social nem est3 correlacionada com os enunciados proferidos por outros falantes, nesse caso pode apenas adquirir esse papel quando se configura como enunciado, dialogando com o contexto em que est3 inserido. Essa quest3o demonstra que a l3ngua 3 o elemento constitutivo da pr3tica social, esta n3o 3 universal, 3 sempre situada, por isso, a l3ngua ter3 uma configura33o espec3fica em cada contexto.

4 A indissociabilidade entre a l3ngua e a cultura

Para dar conta do objeto formulado neste trabalho que 3 a indissociabilidade entre a l3ngua e a cultura, particularmente na dimens3o lexical da variedade do portugu3s guineense. *Corpus* foi constitu3do por tr3s (3) obras liter3rias dos escritores guineenses: o romance *A 3ltima trag3dia*, escrito por Abdulai Sila, publicado no Brasil pela editora Pallas em 2006. Livro de poesia *No fundo do canto*, de autoria Odete Costa Semedo, publicado pela editora Nandyala em 2010 e a obra de contos *Cantar do galo*, escrito por Eliseu Banori, editada pela Gramma em 2017. A partir da leitura dessas obras, foram retiradas algumas palavras que refletem as especificidades do portugu3s guineense, conforme o

quadro a seguir. Em seguida a partir do contexto em que foram utilizadas, discuto como elas se apontam a significação por além da dimensão linguística, refletindo sobre a relação constitutiva entre a língua e a cultura.

Quadro 1: Alguns léxicos do português guineense

A última tragédia/Abdulai Sila	
Palavra	Significado mais próximo
Baloba	Espaço sagrado de reza/ local de convívio entre aqueles que estão neste lado de vida e aqueles que vivem na dimensão espiritual
Blufo	Quem não foi ao fanado
Confiado	Atrevido
Conhecer olhos	Ser muito educado, comportar bem
Couro	Cargo, posição
Mancarra	Amendoim
Pautero	Indivíduo dotado de poderes sobrenaturais normalmente para fazer bem
Fanado	Cerimônia da iniciação à vida adulta
Pegar teso	Empenhar-se, esforçar-se, dedicar
Furtar a boca	Quebrar o sigilo, contar um segredo
Tabanca	Aldeia
Tatal-tafal	Trafulhice, aldrabice
Homem grande	Ancião
Fundo canto/Odete Semedo	
Pastro	Pássaro/ave
Mantenha	Cumprimento/saudação
Mufunesa	Azar, desgraça
Bolanha	Arrozal/ local em que se cultiva o arroz
Bombolon	Instrumento sagrado usado na toka-tchur, cerimônia realizada após a morte de uma pessoa
Iran	Espírito sagrado
Estin	Fulano
Passada	Conversa/contar histórias
Tarrafe	Mangal/manguezal
Djugde	Abutre/urubu
Cantar do Galo/Eliseu Banori	
Um tiro	Uma refeição por dia
Sabura	Contentamento, delícia, encanto
Pegar bico	Pedir casamento logo que a criança nascer
Toka-tchur	A cerimônia realizada após a morte de uma pessoa
Noba	Notícia
Badjuda	Menina, namorada
Bancada	Espaço de diversão, usado mais para os jovens

Fonte: Elaboração própria

Quem entende a língua como um sistema fechado em si sem relação com a realidade social, pode considerar a maioria das palavras desse quadro apenas do guineense e não do português, assim, ignorando a língua como prática social intrinsecamente ligada com a cultura. Couto e Embaló (2010) denominam o português guineense de “português acrioulado” devido sua relação com o guineense, a língua veicular do país. Também consideram a variedade do guineense supostamente falada nos centros urbanos de “crioulo aportuguesado”, porque essa variedade empresta às palavras da língua portuguesa. Isso demonstra que essas duas línguas têm uma relação mútua no contexto guineense, ou melhor, alguns léxicos do português guineense também são do guineense e vice-versa.

Por exemplo, no guineense, atualmente é possível observar o emprego da *varanda* e da *vaca* em detrimento de *baranda* e *bacá*. No entanto, é desconhecimento linguístico acreditar que *varanda* e *vaca* não são palavras do guineense. A língua é heterogênea, ou seja, em uma língua não há somente uma única maneira de dizer alguma coisa (LABOV, 2008). Assim, não há nenhum problema de alguns guineenses preferirem usar *varanda* em detrimento da *baranda* e o uso da *varanda* não pode ser vista como errado, porque o correto é usar *baranda*.

Já em relação ao português guineense, por exemplo, a palavra *noba* usado por Banori (2017) deve ser compreendido como vocábulo do português, entretanto, seu uso não exclui o uso da palavra *notícia*, porque essas duas palavras na variedade do português guineense são sinônimos. Isso também vale para *pastro* encontrado No fundo do canto, Semedo (2010), no português guineense pode usar a palavra *pastro* ou *pássaro*, desse modo, ambos os léxicos são do português.

A palavra *mufunesa* embora seja colocada na parte que colocamos as palavras retiradas na obra de Semedo (2010), também apareceu no livro de Sila e de Banori, isso demonstra que ela está concorrendo no português guineense com as palavras *azar* e *desgraça*. Por isso, a relação intrínseca entre o guineense e o português não pode ser ignorada no processo da compreensão da variedade do português guineense. A língua é uma prática social, ou melhor, o uso linguístico é feito dentro de um contexto sociocultural situado.

Makoni e Meinhof (2006) afirmam que a linguagem pode ser um processo natural para nós seres humanos, no entanto, as línguas devem ser entendidas como elementos

das construções sociais e históricas. A língua portuguesa não chegou à Guiné-Bissau e os guineenses foram proibidos de usá-la de acordo com a realidade do país. Isso não aconteceu, até se tivesse acontecido, seria apenas uma ingenuidade linguística, já que a língua é um elemento constitutivo da prática social.

A jeito de exemplificação, o português brasileiro é constituído a partir do contato do português com as línguas indígenas, línguas dos povos africanos trazidos para Brasil durante o período da escravização (GUIMARÃES, 2005, LUCCHESI, 2012). A situação semelhante está acontecendo no contexto guineense, isto é, a partir da questão social e cultural, o português guineense está sendo formado por meio da relação do português com a língua guineense e as línguas étnicas faladas no país.

Os livros que constituem *corpus* deste trabalho, são escritos na língua portuguesa, mas todos têm o glossário. Um guineense pode não consultar o glossário lendo esses livros por conta da apropriação do conhecimento social e cultural do país. No entanto, um brasileiro precisará do glossário devido à falta da imersão na cultura guineense. Essa questão demonstra que a língua se configura de modo diferente em cada ambiente linguístico. Agora discuto especificamente a relação entre a língua e a cultura a partir de algumas palavras que constam no quadro acima.

Na obra *A última tragédia encontra-se as seguintes palavras: baloba, blufo, pautero e fanado*. No que refere a *Baloba*, Sila poderia usar a palavra santuário no seu lugar. No entanto, essa palavra pode suscitar o entendimento da baloba como um simples espaço de reza, não será levada em consideração a compreensão da baloba como um lugar de convívio com a ancestralidade, ou seja, comemos e bebemos juntos com nossos ente queridos que já vivem na vida espiritual nesse espaço sagrado, assim, a vida não termina com a morte.

No que tange ao *blufo*, Sila não teria uma palavra específica, poderia preferir *uma pessoa não circuncidada*, essa preferência pode ser alternativa a blufo na dimensão linguística, mas não daria conta da questão cultural. O *blufo* é mais que um sujeito não circuncidado, porque, na idade social, é um indivíduo inexperiente e não deve ser dado grandes responsabilidades, ou melhor, socialmente é uma criança, nesse caso, seu erro pode ser perdoado, tendo em conta que não passou ainda pela cerimônia de fanado momento de transição da vida adulta.

Em relação ao *pautero*, Sila poderia utilizar a palavra *vidente*, como fez no glossário, no entanto, pensando na questão social, percebe-se que o vidente resolverá a questão

linguística, porém não dará conta do aspecto cultural e social. No contexto guineense *pautero* é muito mais que um simples vidente, dado que, ele não faz apenas previsão de um acontecimento bom ou ruim, mas é visto também como um protetor, ou seja, alguém que tem poderes sobrenaturais para lutar e impedir a desgraça a uma pessoa ou a uma tabanca (aldeia). Nesse caso teoricamente o *pautero* é antagonista do feiticeiro, quem a sociedade acredita que tem poder de matar espiritualmente um ser humano e comer carne dele. Portanto, no contexto guineense *pautero* é positivo, porque está relacionado com o bem, enquanto a *feiticeira* é negativa, pois está atrelado com o mal.

No que diz respeito ao *fanado*, Sila poderia usar a palavra *circuncisão*, mas esta escolha seria insuficiente para dar conta do *fanado* como prática cultural guineense. Essa prática vai além da circuncisão, há pessoas que já passaram pela prática de circuncisão, mas mesmo assim, vão ao *fanado*. A cerimônia de *fanado* marca a transição de uma fase para a outra, ou melhor, é o passaporte de entrada de uma pessoa na fase adulta. O indivíduo que foi ao *fanado* sua responsabilidade social aumenta, porque será exigido a comportar-se responsavelmente em relação a quem não foi. Por exemplo, João pode ter 15 anos, mas foi ao *fanado*, Mário tem 25 anos, não passou por essa cerimônia. Nesse caso espera-se que João se comporte responsavelmente na sociedade melhor que Mário, já que, é maior de idade no ponto de vista social enquanto Mário é menor. Para Bakhtin (2016), o sistema linguístico sozinho não dará conta do processo da interação discursiva:

A língua como sistema tem uma imensa reserva de recursos puramente linguísticos para exprimir o direcionamento formal: recursos lexicais, morfológicas (os respectivos casos pronomes, formas pessoais dos verbos), sintáticos (diversos padrões e modificações das orações). Entretanto, eles só atingem o direcionamento real na totalidade de um enunciado concreto (BAKHTIN, 2016, p.68-69).

Não é o sistema linguístico que determina uma escolha linguística, pelo contrário, é o propósito comunicativo ancorado na dimensão social. Isso significa que nenhuma escolha na interação discursiva é feita de uma forma à toa, o falante faz sua escolha visando atingir um determinado objetivo. Abdulai Sila usou as palavras acima referidas dentro de um enunciado concreto, considerando a sociedade e cultura guineense.

As palavras *bombolon* e *iran* usadas por Semedo (2010) também demonstram a dialética entre a língua e a cultura. Em relação ao *bombolon* no glossário Semedo definiu esta palavra como “instrumento de percussão”, *bombolon* é muito mais que um instrumento de percussão, isto é, *bombolon* não é um instrumento como a guitarra na Guiné-Bissau. *Bombolon* possui uma dimensão sagrada no ponto de vista social e cultural

guineense, porque é o principal instrumento utilizado na cerimônia de toka-tchur, a cerimônia fundamental para que o ente querido morto tenha mais estabilidade e sossego na sociedade da vida espiritual.

Já *iran* sendo um espírito sagrado que pode ser recorrido para servir de proteção de uma pessoa, uma família ou uma tabanca (aldeia) ou para fazer maldade a um sujeito em troca de alguma recompensa. Assim pode só existir uma palavra para se referir a essa crença no contexto em que é praticada, ou seja, seria difícil encontrar essa palavra em um texto do português escrito por um brasileiro. É na base disso que Bakhtin (2003, 2016) e Volochinov (2018) afirmaram que a palavra é orientada socialmente, sem isso a compreensão linguística seria impossível.

Pegar bico e *um tiro* usados por Banori no livro *Cantar do Galo* também exemplificam a língua como um elemento que vai além do sistema linguístico. Por exemplo, um brasileiro que não emergiu no contexto guineense, saberá o que significa *pegar bico*? A resposta seria negativa. Se for uma pessoa alfabetizada pode apenas decodificar o sentido literal dessa palavra. No entanto, não saberá que *pegar bico* refere-se à prática de pedir o casamento logo ao nascimento da criança ou ainda na infância dela, porque para ter acesso a esse sentido, é preciso preencher a lacuna extraverbal da palavra, ou seja, o sentido social. Isso também vale para a palavra *um tiro* que significa comer apenas uma refeição por dia, quem não conhece a realidade guineense, não terá acesso a esse significado devido à falta do elemento extraverbal. Essa questão demonstra que a palavra sozinha não diz nada, por isso, é imprescindível o contexto social no processo da compreensão da linguagem.

Considerações finais

Neste trabalho refletiu-se sobre a indissociabilidade entre a língua e a cultura, especificamente o léxico da variedade do português guineense, por meio das obras literárias dos escritores guineenses, visando pensar o processo da configuração da língua portuguesa na Guiné-Bissau.

Percebe-se que a dimensão linguística é insuficiente para dar conta da compreensão linguística, porque, é preciso incluir o complemento extraverbal. Essa questão demonstra que a interação discursiva é situada, visto que, a língua é elemento constitutivo da prática social e da cultura. Na base disso, na Guiné-Bissau a língua

portuguesa está tendo uma configuração específica devido à inserção no contexto local, bem como sua relação com outras línguas do país.

Pensando na questão do ensino do português no contexto da diversidade cultural e linguística guineense, advoga-se que seu ensino seja feito de uma forma contextualizada, considerando sua relação com outras línguas guineenses, sobretudo o guineense, língua veicular do país. Isso pode ter impacto positivo na formação leitora, na prática de escrita, na análise linguística e na interação oral dos alunos guineenses.

Referências

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Pontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BANORI, E. **Cantar do Galo**. Rio de Janeiro: Gramma, 2017.
- CÓ, V. P. **A manifestação do olhar exotópico na escrita acadêmica dos estudantes guineenses falantes do Português como Língua Adicional (PLA) na Unilab**. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.
- COUTO, H. H.; EMBALÓ, F. Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: Um país de CPLP. **Ffch.usp.br**, 2010. Disponível em: <http://revistas.ffch.usp.br/papia/article/view/1702/1513>. Acesso em: 10 jun. 2020.
- GUIMARÃES, E. A língua portuguesa no Brasil. **Ciência e cultura**, 2005. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v57n2/a15v57n2.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. de Marcos Bagno, Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro uma visão crítica. **Scielo**, 2012. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/67y3k/pdf/lobo-9788523212308-18.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2022.
- MAKANI, S.; MEINHOF, U. Linguística Aplicada na África: desconstruindo a noção de língua. In: MOITA LOPES, L. P (Org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006, p.191-211.

OLIVEIRA, G. M. O Sistema de Normas e a Evolução Demolinguística da Língua Portuguesa. In: ALVARES, M. L. O.; GONÇALVES, L (Org.). **O Mundo do português e o português no Mundo afora**: especificidade, implicações e ações. Campinas, SP: Pontes, 2016, p. 45-70.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. de Antônio Chelini; José Paulo; Izidoro Beinkstein. São Paulo: Cultrix, 1972.

SEMEDO, O. C. **No fundo do Canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

SILA, A. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

VOLOCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Sheila Grillo; Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2018.

Recebido em: 12/01/2022

Aceito em: 25/05/2022

Para citar este texto (ABNT): CÓ, Vaz Pinto. A língua e a cultura: uma abordagem sobre o português guineense. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), Vol.2, nº1, p.257-272, jan./jun.2021.

Para citar este texto (APA): Có, Vaz Pinto. (jan. jun. 2022). A língua e a cultura: uma abordagem sobre o português guineense. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2(1): 257-272.